

Uma pequena história de Migração: Windows para Linux

por Cícero Moraes (cogitas3d)
cogitas3d@msn.com

Vou aqui (sem nenhuma pretensão de aprofundar-me no assunto de migração) contar a minha história de transição Windows > Linux.

Tudo começou em 2003, quando eu, sem motivo aparente, comprei uma revista contendo os cds de instalação do Mandrake 9.

Instalei-o assim que cheguei em casa. A primeira coisa que me aconteceu foi perder o Windows que estava no HD e de contrapartida todo o resto. Tentei até ler sobre o Lilo (aquela telinha de inicialização do Linux), mas eu como usuário Windows padrão nem sabia direito o que era sistema de partições e muito menos MBR. Como eu não dispunha de ninguém para auxiliar-me e um péssimo hábito de não prestar muita atenção nos Howtos (documentos que ensinam passo-a-passo como fazer as coisas), tive de quebrar a cabeça, errar, desistir de tentar configurar o Lilo, e decidir comprar um HD só para rodar o Linux, de modo que fica aqui uma dica:

Se dispuser de dinheiro, compre um HD mesmo que pequeno para os primeiros testes. Ou baixe um live cd como o Kurumin, mas não poderá estudar a instalação de programas.

Instalei o Mandrake 9 e aí sim pude trabalhar mais tranquilamente.

Um fato chamou-me a atenção. Eu não precisei instalar nenhum driver para reconhecer o hardware. Como eu contava com equipamentos mais ou menos populares, o Mandrake reconheceu-os automaticamente. Vídeo, rede, som e etc. Achei aquilo espantoso. Além do mais quase tudo o que eu precisava já vinha instalado: editores de texto, navegadores de internet, mensageiros instantâneos, editores de imagem, etc.

A primeira coisa que fiz foi configurar a minha ADSL. Eu não sabia nada de Linux, e precisava regularmente recorrer à internet para saciar as minhas dúvidas. Demorei bastante para conseguir configurar o acesso à web, isso porque eu não sabia direito o que era IP. Pensava ser este um bicho de sete cabeças, mas na realidade é muito fácil, algumas horas de estudo e testes são suficientes para sanar as dúvidas mais problemáticas. Mas naquele tempo eu era acomodado, penei bastante para conseguir. Esta acomodação era fruto de anos e anos usando uma interface gráfica que fazia quase tudo por mim.

Com o tempo fui percebendo outras peculiaridade do Linux. Uma das mais notórias... eu não era mais o senhor todo-poderoso do sistema. Não podia sair por aí copiando, colando e apagando como bem entendesse. Por que? Porque eu era um usuário simples. Sendo assim, o único diretório do sistema que me dava liberdade era o

/home/cicero

O que é isso? Muito simples.
No Windows nós temos

C:

Como a raiz do hd. No Linux é um pouco diferente, pois temos o

/

Parece meio vazio num primeiro momento, mas depois de acostumar-se não vislumbra-se em nenhum lugar melhor método de organização.

O **/home/cicero** (no meu caso, pois chamo-me Cícero) é o que no Windows corresponde a:

Meus Documentos

Um usuário comum só pode mandar e desmandar dentro desta pasta. Assim, mesmo que eu acabe com as minhas configurações (ou um suposto vírus faça isso) o sistema fica intacto, bastando o root (superusuário) criar uma conta nova para mim. Interessante, não?

No meu tempo de Mandrake 9, tive muitos progressos na área didática, porque aprendi muitas coisas sobre informática na área técnica. Mas não adiantou muito em se tratando de Linux. Isso por que o Mandrake fazia quase tudo para mim. Assim como o Kurumin que eu usei por um bom tempo. O Kurumin é mais fácil ainda, por que foi desenvolvido para os brasileiros e sua realidade. Mais fácil até do que o Windows. É quase tudo via script. Se você quer instalar os programas mais usados, basta recorrer aos ícones mágicos. Até a instalação de modems é automática, você só precisa saber qual é o seu modelo.

Devo frisar que no início de minha história com os aplicativos opensource (código-aberto) e até hoje, consulto o site www.guiadohardware.net. Aprendi muitas coisas com os tutoriais do Morimoto (criador do site). Este eu guardo no coração com respeito de mestre e na mente como uma agradável lembrança, pois ele foi o mentor de toda a minha inicial aprendizagem, pois tivera paciência e humildade para escrever àqueles que nada sabem, sem criticá-los ou esculachá-los por esta situação, como acontece tão copiosamente na comunidade Linux.

Foi o Morimoto quem criou o Kurumin e foi por um artigo dele que eu conheci o Vector Linux, uma distribuição baseada no Slackware voltada a micros antigos.

Para aprender o Mandrake eu comprei um computador novo, e para testar o Vector, fiz o oposto. Adquiriti um 586 85Mhz, com 16 mb de ram.

Posso dizer que a partir do Vector eu entrei no mundo Linux clássico. Tive de usar mais o console (aquela janelinha preta parecida com o Prompt do Dos). E também fui obrigado a configurar o sistema "no braço". Resumindo, as coisas importantes que aprendi foram:

Saber quais os modelos do seu mouse, placa de vídeo etc. Se é serial, ps2... assim, não aparecerão erros depois de configurar o modo gráfico, que por sinal é uma parte do Linux, diferente do Windows que é todo gráfico.

Procurar configurar o sistema pelos arquivos de configuração, não por aplicações gráficas. Estas últimas podem ser mais cômodas, mas com certeza ocultam um monte de opções, e não lhe preparam para eventuais erros que norteiam a todos os sistemas. Eu mesmo reinstalei o Linux várias vezes por errinhos bobos de inicialização do X, ou outros que seriam facilmente resolvidos em modo-texto mesmo.

Aprender inglês. Não tem como fugir desta realidade. Ele é a língua oficial do mundo, e da informática também. E além do mais é fácil, não tem acento, não tem terminação diferente para cada pronome pessoal e etc. Tive de aprendê-la quando migrei do 3DS Max para o Blender, pois naquele tempo este contava com uma escassa documentação em português obrigando-me a aprender pela oficial, em inglês.

Apesar de minha relação com o Vector ser turbulenta no início, depois de algum tempo de uso e muita dor de cabeça comecei a gostar dele, o que levou-me a adotar o Slackware como a minha distribuição padrão.

Com o Vector e depois com o Slack, eu percebi que o modo-texto é poderosíssimo. Seja em aplicativos como o editor de texto VI que é impressionantemente genial, seja com cliente de e-mail, navegadores de internet, como o Lynx e o Links. Com este último pode-se até visualizar imagens e fontes true-type! Há também os scripts que automatizam quase tudo, tanto em modo texto como em modo gráfico.

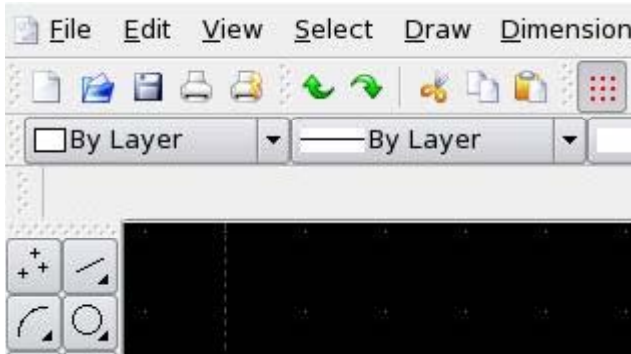
Se puder, invista um pouco do seu tempo diário no estudo de comandos via console; com toda certeza você não irá se arrepender. Seu tempo e paciência agradecerão.

Outro fato que chamou-me a atenção, foi o da falta de padrão visual entre os aplicativos Linux. Uns eram modernos, bonitos, com fontes perfeitas, outros nem tanto e outros ainda beiravam o exdrúxulo de tão simplórios e antiquados.

No Windows quase todos os programas se parecem. Pelo menos nos menus. No Linux esta diferença era por vezes gritante. Com o tempo eu descobri que assim o era por conta das bibliotecas que eles utilizavam. Por exemplo, tomamos o caso do gerenciador de janelas KDE que hoje é o mais usado no mundo Linux. Ele e seus aplicativos são escritos utilizando a biblioteca QT. O Gnome, segundo colocado na preferência de gerenciadores, é escrito em GTK 2. Antigamente era em GTK 1. Programas como o aMSN um clone do Msn Messenger é escrito em TCL/TK. Aliás, todas essas bibliotecas são disponíveis para o Windows, mas não são tão usadas nele a ponto de causarem notoriedade.

Alguns exemplos:

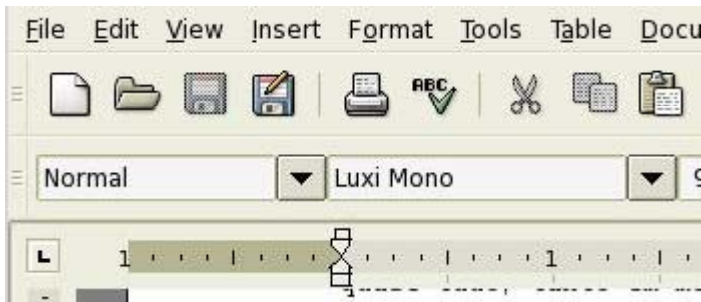
QT:



GTK 1:



GTK 2:



TCL/TK:



Mas não se engane com a aparência dos programas, pois o que vale é a sua utilidade. Eu até passei a preferir os mais simples, os "esdrúxulos" de que falei. Eles têm seu charme, sua história.

No início de 2004 eu ainda utilizava o Windows como sistema padrão. E pior, como trabalho com computação gráfica, utilizava programas que não dispunham de versão para o Linux. Era o caso do 3DS Max, AutoCad, Corel Draw, Photoshop, etc.

Um dia eu conheci o Wine, e num primeiro momento, atribuí a ele mais eficiência do que de fato ele contava. Tentei instalar alguns aplicativos for Windows no Linux com ele, mas em 90% dos casos não fui bem sucedido. Estava quase desistindo quando encontrei o CrossOffice, uma especie de Wine pago e muito eficiente. Tão eficiente que eu instalei o AutoCad 14, o Corel 10 e o Photoshop no Linux. Maravilha! Mas faltava o principal... o 3DS Max. Tentei de todas as formas portá-lo, mas não consegui. A única saída que encontrei foi rodar o Windows dentro do Linux com uma máquina virtual, o VMware... deu certo! Só que caí na real e percebi alguns fatos interessantes e desmotivadores: os aplicativos for windows não rodavam direito, isto é, sempre tinham um defeitinho. E outra coisa: se eu estava migrando, o que o Windows estava fazendo dentro do Linux? Cheguei então a outra conclusão:

Utilizar o Wine ou afins somente quanto não houver outro jeito. Um aplicativo nativo é sempre a melhor opção, mesmo que seja mais complicado de se mexer.

Assim, eu dei as costas aos meus programas "alternativos" e entrei de cabeça nos de código-aberto.

Tive muita dificuldade e frustração nos primeiros momentos, mas hoje vejo que foi a melhor opção. Aprendi muito com isso, e cheguei nas bases das concepções que antes eu conhecia apenas superficialmente.

Ao deixar o Corel Draw e pular para o Sodipodi e posteriormente para o Inkscape tive de lançar mão de muitos artifícios para contornar a falta de ferramentas e facilidades. Mas por conseguinte, aprendi melhor a lidar com as cores e formas. De modo que criei trabalhos muito mais vistosos que quando contava com o Corel.

Abaixo exemplos de equivalência, com os prós e contras das mudanças:

Windows	Linux	Prós	Contras
Corel Draw	Sodipodi/Inkscape	Com o número de ferramentas reduzido o usuário deve lançar mão da criatividade. É fácil de se trabalhar e o formato SVG é bastante portátil, sem contar que o Ópera 8 já o abre sem necessidade de plugins.	Não conta com preenchimento tipo bitmap. Não abre arquivos CDR que é padrão no mercado vetorial.
AutoCad	Qcad	Leve, exporta para o Blender sem problemas. Tem todas as ferramentas necessárias para desenho e até splines. Tem layers e raster image.	Só salva como DXF. Não importa DWG. Para abrir .DWG recorro ao Varicad Viewer que é free.
3ds max	Blender	É multiuso. Um programa de animação, renderização edição de vídeo. A interface é genial. É leve, e o OpenGL funciona muito bem nele, melhor que no 3DS Max. Está em pleno desenvolvimento.	Não tem suporte a RPC. As linhas são difíceis de se trabalhar. Não importa .max e nem .3ds, dificultando a obtenção de bibliotecas tridimensionais. Para importar .3ds e exportar recorro ao Wings.
Internet Explorer (IE)	Firefox/Opera	Rápidos, confiáveis e livres de pop-ups (pelo menos até hoje)	Alguns plugins não estão disponíveis para eles, sem contar que alguns sites teimam em disponibilizar serviços como rádios e tvs só para o IE
Msn Messenger	aMsn	Até estes dias não contava com serviço de videoconferência e nem abria emoticons sem ser os padrões. Mas com a nova versão está tudo funcionando!	Demora mais para conectar. Não tem aquela prática janelinha de e-mails ao abrir.
Windows Media Player/ Quicktime	Mplayer/ Xine	Rápido e abriu todos os vídeos que precisei, inclusive assisti tvs e ouvi rádio pela net.	É complicado de configurar para usuários iniciantes.
Frontpage	Bluefish (para quem gosta de ver o que está fazendo, aconselho o nvu)	Leve, bonito e muito eficiente.	--
Camtasia	xvidcap/gvidcap	Leve	Apesar de gerar filmes bem compactos, tem um compressor de vídeo tão eficiente como no Windows.
Premiere	Lives/ Blender	--	--
Photoshop	Gimp	--	--
Download Acelerador	d4x	--	--
SmartFTP	Gftp	--	--

* Obs: Os programas listados, suprem a minha necessidade. No caso de profissionais da área de edição de vídeo, com certeza o Lives não suprirá suas necessidades. Mas mesmo para esses casos existem ferramentas opensource que dão conta do recado. Já deparei-me com vários artigos falando sobre isso, mas como não é do meu interesse profissional, opetei por soluções mais práticas.

Na metade de 2004 eu decidi trabalhar exclusivamente com o Linux. Não foi por mágica ou pura ideologia e sim por um episódio que ocorreu em minha vida e foi marcante para minha decisão.

Eu estava bem instalado em meu escritório recém construído. Numa manhã de um belo dia de domingo, fui acordado pelo celular que tocava. Era a minha mãe dizendo-me que furtaram meu escritório. Cheguei lá e me contaram que levaram algumas coisas e que tentaram carregar o microcomputador. Na verdade só a CPU, mas eles (testemunhas disseram que foram dois adolescentes) deixaram-na cair quando pulavam o muro e desistiram de levá-la.

Ao contemplar aquela CPU caída veio-me na memória que quinze dias atrás eu tivera de trocar sua placa-mãe e o HD... essa mudança custou-me mais de R\$ 1.300,00. Eu estava sem um tostão pois a construção e as contas sugaram todo o meu rico dinheirinho. Como depois fiquei sabendo que a placa de vídeo e o processador não estavam funcionando, estava claro que eu não veria meu micro (Athlon 2400 1gb de ram) tão cedo funcionando.

A minha sorte é que eu dispunha de outro computador que deixava em casa. Um Duron 985 (verdadeiro osso "duron" de roer) com 512 de ram. Só que muito fraquinho para rodar o 3DS Max e fazer as finalizações das imagens (renderização).

Como encontrava-me revoltado com a situação e já estava de saco cheio do Windows e do medo de ser multado por conta dos programas "alternativos", decidi abandonar de vez a todos eles... todos mesmo.

Assim, a partir daquele mês de junho, passei a ser um usuário exclusivo de Linux. Foi o início de um caminho de lutas e frustrações diárias que desembocaram em um mar de segurança e estabilidade.

Eu estava entre três distribuições para escolher a minha oficial:

1. **Mandrake**. A superpoderosa e extremamente fácil. Tão fácil que estava me estressando, por que eu não entendia nada dos processos mais complicados e não conseguia compilar nada nela. Principalmente o driver de uma câmera de vídeo menos popular, que eu possuía.

2. **Slackware**. Dava para compilar muita coisa. Mas era "chucra" demais. Como o nome diz, slack (preguiçosa). Eu tinha de configurar tudo.

3. **Kurumin**. Ah... esta era a vedete. Dava para compilar tudo. Até rodou o meu modem onboard e outro pci (pctel) que não consegui instalar no Windows XP. Já vinha com um monte de recursos configurados e... não sobrava nada para eu configurar.

Eu estava entre estas três distribuições para escolher. Duas delas trabalhavam de forma similar com os pacotes. Vou tentar explicar como funciona: imagine que você queira instalar o programa "desenho 2.0". Mas ao contrário do que você faz no Windows, na maioria das vezes somente instalar o pacote (neste caso desenho 2.0) não é o suficiente, por que este precisa que algumas dependências se façam presentes no sistema. Esta é uma das situações tratadas como "problema" no Linux, mas que tem uma explicação muito simples. Supunha que você manda instalar o pacote "desenho_2_0". Ao invés de tudo correr normalmente, aparece a seguinte mensagem:

```
# erro de instalação, bibliotecas lápis >= 1.2, borracha >=1.8 e papel >=1.5 não presentes.
```

O que significa? Simples, para que o programa Desenho 2.0 seja instalado, você precisa ter presente no sistema operacional a biblioteca "lápis" numa versão igual ou maior a 1.2, a biblioteca "borracha" numa versão igual ou maior a 1.8 e a biblioteca "papel" numa versão igual ou maior a 1.5.

* Obs.: No Linux, as mensagens não aparecem da forma descrita acima. Trata-se apenas de um exemplo que, em essência, tem bastante similaridade com o real.

Existem comandos que fazem esta busca por dependências automaticamente, como o apt-get por exemplo. Mas por vezes "a coisa" não é tão simples assim, pois algumas bibliotecas dependem de outras e de outras, de modo que em certas ocasiões um programa de 2 mb pede uma atualização de 200 mb para possibilitar sua instalação!

Os sistemas de pacote .rpm, .mdk (Mandrake) e .deb (Debian) são inexoráveis nesta situação, e você não tem para onde fugir. Ou instala as bibliotecas ausentes, e atualiza o necessário, ou fica sem o programa. Já no Slack eu não encontrei estas situações, e consegui até hoje instalar TODOS os programas que precisei e quase todos os que eu quis. Dá para contar nos dedos meus insucessos, a maioria foi por surtos de ociosidade desejada. Traduzindo: preguiça da braba!

À medida que o tempo passava, tornava-se mais evidente que o Slack era a distribuição mais viável.

* Que fique bem claro que os problemas ocorridos comigo mostram a minha falta de preparo perante os desafios em questão. Depois de um tempo fiquei sabendo que é possível instalar os pacotes mesmo com as mensagens de erro, mas como eu já havia andado pelo caminho do Slack e estava aprofundado neste, decidi segui-lo até hoje dispensando as outras distribuições. Isso não significa que parei de testá-las, o que faço sempre. Tenho muitos cds que baixei e desejo ainda baixar outros. Para quem está começando, eu aconselho a utilizar o Kurumin. O suporte a ele é o melhor que eu vislumbrei para o nosso idioma e a nossa realidade.

Hoje quando deparo-me com a falta de um pacote para o Slack, eu baixo o código-fonte deste, compilo-o e com a ajuda de um programinha crio um pacote .tgz (do Slack) e guardo no meu banco de dados.

No caso do Desenho 2.0, crio uma pasta chamada desenho_2_0, baixo os códigos-fonte, compilo-os, crio os pacotes e jogo-os dentro desta pasta. Assim quanto eu precisar instalá-los em outro computador, ou novamente neste, já o faço com toda a facilidade, mandando instalar a pasta inteira de uma vez, de modo que não aparecerão erros de dependências.

Quanto à configuração do sistema, eu tenho os arquivos .conf (é a terminação dos arquivos de configuração geral) todos guardadinhos. Numa nova instalação, basta copiá-los para os lugares certos e em menos de quarenta minutos eu tenho meu sistema TODO instalado e configurado! Quanto tempo você precisa para fazer isso no Windows, hein?

Só que nem tudo são flores no mundo linuxiniano. Um dos grandes entraves deste sistema é ainda o escasso suporte a placas de vídeo que os fabricantes dispensam a ele. Há alguns meses, quando eu já usava o exclusivamente o Linux, percebi que a performance das placas de vídeo mais modestas, como a Sis e a Trident, tendiam a ser mais eficientes no Windows. A diferença era notória. Programas como o Blender e os Runtimes dele rodam muito melhor no Windows com um Sis do que no Linux. Não há comparação. Eu mesmo só pude trabalhar com relativa tranquilidade quando adquiri uma placa Ati de 8 mb. Essa sim teve uma boa performance.

A coisa tomou outro caminho quando, depois de muita pesquisa, descobri que as placas nVidia eram as que davam o melhor suporte ao Linux. Adquiri a placa, instalei o driver... e vislumbrei a eficiência na melhor das concepções. Fiquei realmente admirado quando rodei o Windows e o 3DS Max no meu micro e atestei a superioridade gráfica do Linux-OpenGL frente ao Windows-OpenGL. Não esperava por isso!

No caso das placas de vídeo, a culpa do mal desempenho delas no Linux é por conta dos próprios fabricantes que não desenvolvem o driver específico para esse sistema operacional, ao contrário da nVidia, que tornou-se a queridinha da comunidade Linux.

Ainda hoje tenho pequenas dificuldades ao trocar informações com usuários intermediários. Um exemplo de problema superado: meus amigos do Msn Messenger mandavam-me alguns emoticons dos quais eu não tinha condições de visualizar por falta de suporte do programa, o aMSN, clone do Msn Messenger para o Linux. Estes emoticons, mesmo pertencendo a uma qualidade subjetiva de comunicação, tem ganhado corações e mentes (mais corações do que mentes, é claro) pela sua natureza entretetiva. Assim, não possuir este componente no meu mensageiro excluía-me de uma realidade corrente de comunicação. Posso dizer que sentia-me deslocado. Mas graças à eficiência e boa vontade do desenvolvedor do aMSN, esta versão, além de receber os célebres emoticons, também permite videoconferência.

Outro problema que percebi foi a falta de suporte a rádios e tvs da web. Na verdade, quanto a isso eu não dou muita importância, mas minha preocupação é com os outros usuários que utilizavam meu micro em eventuais trabalhos e a estes eu sempre regalei bastante atenção, pois tratando-se de usuários comuns, refletiam a realidade do "mercado".

Um belo dia em que eu estava ocioso, decidi descobrir uma forma de assistir arquivos .wmv (Windows Media

Video) no Linux. E eis que descubro algo espantoso. Para que estes arquivos possam ser assistidos do Linux, o Mplayer disponibiliza em seu site um pacote de codecs com suporte a uma ampla gama de arquivos. Basta descompactá-los na pasta:

```
/usr/win32
```

E "avisar" ao programa que o banco de codecs esta lá.

Pronto! Além de assistir arquivos .wmv eu ainda pude escutar rádios e assistir tvs online. Eu sei que o Firefox tem um plugin para abrir estes arquivos com auxílio do Mplayer, mas ainda não testei-o. Quando quero escutar um rádio por exemplo, eu entro no site deste e baixo o arquivo .asx por exemplo ou .asf, abro-o com um editor de texto e extraio o endereço do arquivo de streaming:

```
mms://mms/radio/radiolive
```

E no console mando o Mplayer tocá-lo:

```
mplayer mms://mms/radio/radiolive
```

Na maioria das vezes funcionou... até no Windows muitas rádios ou tvs não rodam.

Falando em internet. Sou usuário de net via rádio. A diferença de velocidade do Linux para o Windows não tem comparação. No Linux é muito mais rápido.

Mas voltando à história, faltava agora escolher o meu gerenciador de janelas padrão. Para quem não sabe, o Linux tem vários gerenciadores de janela. A diferença do visual, rapidez e tamanho deles é grande. Tem para todos os gostos!

A princípio, como quase todos os iniciantes, utilizei o KDE, que é hoje o mais popular e padrão da maioria das distribuições Linux. É ótimo e se parece bastante com o Windows (mas é muito mais bonito). Utilizei-o por muito tempo, até instalar o Linux numa máquina menos potente e ver o quanto o KDE é pesado em micros com pouca memória ram. Depois de vários testes, cheguei à conclusão de que o Fluxbox é a melhor opção nestes casos. Leveza é eufemismo diante do desempenho deste window manager (gerenciador de janelas). E se você caprichar na configuração ainda fica bem bonito!

Só que no geral eu achei simples demais... quem passa muito tempo na frente de um computador gosta de ornamentá-lo com baboseiras... vejam os micros do pessoal da DreamWorks :). Sim, eles usam Linux!

Quando reestruturei o meu computador atual, eu estava decidido a não utilizar mais o KDE. Rodei o Fvwm como padrão, de tempos em tempos eu torno a utilizá-lo, posto que é leve, bonito e extremamente configurável.

Dentre todos os que eu testei acabei optando pelo Xfce. Eu já gostava um pouco dele, mas depois que lançaram a versão 4.2 meu encantamento foi às núvens. Além de ser rápida, bonita e configurável era desenvolvida em GTK. A aparência do Xfce lembra por alto a do MacOSX, mas tem suas peculiaridades. O que eu mais apreciei foi a possibilidade de incluir itens no menu com grande rapidez.

Esta é por alto a minha experiência com o Linux. A trajetória de dúvidas que se transformaram em certeza, em fracassos que se converteram em vitórias e preparo pessoal e profissional.

Hoje trabalho tranquilo, sem temor ou sentimentos escusos, de estar burlando a lei alguma e com a certeza de fazer-me preparado, bem disposto a encarar qualquer dificuldade que possa surgir.

Aprendi muito graças a este sistema operacional o qual deparei-me num dia qualquer, quando trafegava numa banca de revista... e mudou minha vida, para melhor por sinal. Graças a ele conheci o Blender; junto a este, clientes e amigos novos e quem sabe até você que está lendo este artigo!

Teste o Linux, baixe um live cd e brinque com ele alguns minutos por dia. Dentro de pouco tempo você vai entender por que a comunidade de usuários deste sistema chama a desafios de diversão!

Cícero Moraes